

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44758>

## O unheimlich e o paradigma estético-político contemporâneo: metodologia e reflexões acerca das implicações inumanas da vida cotidiana

*The unheimlich and the contemporary aesthetic-political paradigm: methodology and thoughts on the inhuman implications of our everyday life*

*El unheimlich y el paradigma estético-político contemporáneo: metodología y pensamientos acerca de las implicaciones inhumanas de la vida cotidiana*

**Rodrigo Gonsalves**

Universidade de São Paulo

**Resumo** O presente texto tem como objeto investigar o *unheimlich*, sentimento presente no texto de Freud de 1919, se valendo da interpretação feita por Lacan para desenvolver seu *objeto a* para defender o aspecto presente nesta investigação em um método possível para a psicanálise diante do sofrimento, angústia e mal-estar em situações de indeterminação. Dentro de conceber o *unheimlich* sob lentes lacanianas, há um método clínico que permite um movimento dialético em psicanálise para lidar com a criação de uma gramática necessária para uma experiência de sofrimento subjetivo.

**Palavras-Chave:** infamiliar, Lacan, Freud, angústia.



**Abstract** This text aims to investigate the *unheimlich*, feeling present in Freud's 1919 text, using the interpretation made by Lacan to develop his object a to defend the aspect present in this investigation in a possible method for psychoanalysis in the face of suffering, anguish and malaise in situations of indetermination. Within conceiving the *unheimlich* under Lacanian lenses, there is a clinical method that allows a dialectical movement in psychoanalysis to deal with the creation of a necessary grammar for an experience of subjective suffering.

**Keywords:** uncanny, Lacan, Freud, anguish.

**Resumen** Este texto tiene como objetivo investigar lo *unheimlich*, sentimiento presente en el texto de Freud de 1919, utilizando la interpretación hecha por Lacan para desarrollar su objeto de defender el aspecto presente en esta investigación en un posible método para el psicoanálisis ante el sufrimiento, la angustia y el malestar en situaciones de indeterminación. Dentro de concebir lo *unheimlich* bajo lentes lacanianos, existe un método clínico que permite un movimiento dialéctico en el psicoanálisis para abordar la creación de una gramática necesaria para una experiencia de sufrimiento subjetivo.

**Palabras-clave:** siniestro, Lacan, Freud, angustia.

*Recebido em 22-09-2023*

*Modificado em 09-03-2024*

*Aceito para publicação em 29-03-2024*

## Introdução

O infamiliar de Sigmund Freud nos apresenta um método litorâneo<sup>1</sup>, fronteiro para lidarmos com questões e impasses que se interseccionam. Em 1919 encontramos a compilação e publicação final do texto de Freud, *O Infamiliar* (2019) [*Das Unheimliche*], cuja natureza é estranha (com perdão do trocadilho) ao que se presta um psicanalista, como dirá o autor. O primeiro objetivo de Freud neste texto é uma possível contribuição estética partindo da psicanálise. No entanto, Freud não irá para os grandes temas já aprofundados pela filosofia, ele escolhe justamente o que é negligenciado nas discussões do campo estético de seu tempo, mas que não deixam de exprimir um sentimento por meio das produções artísticas e culturais: o infamiliar [*unheimlich*]. Para além de uma discussão sobre arte e estética que exprima os mecanismos subjetivos diante do que nos assusta, horroriza ou angústia, Freud descreve que ao nos depararmos com o infamiliar, este sentimento peculiar por sua natureza tensa e contraditória (traduzir o movimento do que está dentro e fora) (Dunker, 2019), ele retroage sobre a própria psicanálise de uma maneira produtiva, enquanto um método que carece de atenção particular. Não por menos, Freud dedica uma seção para a sensação do infamiliar na vida real, atento ao sofrimento que este sentimento exprime e sua lógica inconsciente. Em suma, a infamiliaridade, pode ser compreendida enquanto um método derivado da perspectiva psicanalítica enquanto uma espécie de corolário social da angústia na contemporaneidade, justamente por sua natureza radicalmente litorânea. Em 1919 Freud publicou o texto *Das Unheimliche* e após um centenário de explorações, notamos hoje alguns lugares usuais no campo psicanalítico onde surgem embates que poderiam ser destacados da seguinte maneira: 1) as discussões acerca do seu caráter peculiar em relação à estética; 2) o caráter linguístico contido no termo unheimlich e 3) a dimensão clínica proposta por Freud acerca deste sentimento (Dunker 2017; Gonsalves 2021; 2021b).

O presente objeto deste artigo é, a saber, como a aproximação do infamiliar enquanto um elemento metodológico ao discurso analítico pode ser contextualizado dentro do campo psicanalítico sob a hipótese do aumento da cobertura da escuta clínica para encampar sofrimentos usualmente inauditos por seu caráter ambíguo, fronteiro ou que requerem uma dialética acerca de seu reconhecimento e não reconhecimento. Trata-se, em suma, de um artigo pautado na discussão metapsicológica que fundamenta a hipótese do infamiliar enquanto método. Tão logo, o contexto clínico acerca de experiências do sofrimento subsidia o presente artigo que por sua vez subjaz do resultado de uma revisão bibliográfica inspirada no estado da arte do campo, porém sem ignorar a exposição, apreciação e crítica

---

<sup>1</sup>O presente artigo resulta da conferência intitulada “O paradigma estético-político do infamiliar e implicações inumanas” na mesa “O paradigma Estético-Política: A inumanidade presente no humano”, realizada durante o Colóquio de Ciências Sociais e Psicanálise, no dia 10 de Janeiro de 2022, sob a Coordenação da professora Dra. Márcia Rodrigues (UFES). Este texto é fruto das elaborações do meu doutorado em filosofia e mestrado em psicologia clínica, mas também das discussões do grupo de orientação de Christian Dunker da USP e conversas com Ilana Katz, do grupo de pesquisas com Leilane Andreoni, Manuella Mucury, Jorge Adeodato, Pedro Magalhães Lopes, Victor Marques e outros pesquisadores do unheimlich aos quais também sou grato.

dos textos clássicos diante da temática e objeto pretendido. A relevância clínico-política do presente texto visa um compromisso ético dentro do campo psicanalítico em busca de modos de transformação necessários para experiências de sofrimento das pessoas, especificamente, no que tange às dinâmicas de reconhecimento e sofrimento por pertença e não pertença, espaços de determinação e indeterminação. Tal perspectiva defendida, visa o aprimoramento da formalização psicanalítica de um método pretendido ao campo, a saber: o infamiliar enquanto método articulador clínico possível para escutas das estrangeiridades da experiência (in)humana. O artigo é composto por três seções. A primeira, *A Perspectiva Psicanalítica do Infamiliar [unheimlich] em Freud*, refere-se à exposição da apreciação do infamiliar dentro da psicanálise em Freud e seu estatuto ético-político. A segunda seção intitulada *O Infamiliar: um método ontológico negativo em psicanálise*, tem como objetivo expor a releitura de Lacan acerca do infamiliar, suas bases na discussão acerca do seu *objeto a* e como aprofundar tal perspectiva é fundamental para a escuta psicanalítica. Finalmente, a terceira seção intitulada *O Paradigma Estético-Político Contemporâneo: neoliberalismo à brasileira*, foca nos impasses postos dentro do contexto de sofrimento atravessado pela composição econômica e configurações sociais que permite uma escuta que organize o acontecimento radical de uma análise acerca do desejo inconsciente, mas que constitui princípios de autonomia, para além dos reforçados pelas coordenadas dadas da realidade. O que remete às considerações dos resultados postos e as conclusões, por exemplo, a possibilidade de invenção de novos significantes.

## A perspectiva psicanalítica do infamiliar [unheimlich] em Freud

Como notamos na letra do texto do Infamiliar de 1919, conseguimos posicionar este texto enquanto “estético” dentre as produções do psicanalista, ou então, detendo alguma proximidade aos textos *O Moisés, de Michelangelo* ([1914]2015a), *O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen* [1910], *Dostoiévski e o Parricídio* ([1928]2015) ou *Escritores criativos e a fantasia* ([1908]2009). Em suma, textos onde Freud faz incursões psicanalíticas ao passo em que discute aspectos da estética. No entanto, diferentemente destes textos citados, o movimento interno do Infamiliar, sua formalização enquanto objeto de investigação psicanalítica gera efeitos inéditos que retroagem sobre a própria psicanálise. Melhor dizendo, o infamiliar é um dispositivo psicanalítico de tensões discursivas daquilo que carece por transformação diante de um sofrimento, oferecendo um método para investigação (Gonsalves, 2021; 2021b; Royle, 2003). Em outras palavras, o presente artigo defende o *unheimlich* enquanto um método de organização clínica para o sofrimento de indeterminação e determinação, que refina modos distintos de angústia subjetiva diante dos avanços neoliberais. Uma das hipóteses centrais do teor potente deste dispositivo, está no argumento de como o infamiliar está temporalmente próximo à alteração radical metapsicológica que Freud se via às voltas na época, o texto é próximo da formalização da pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer* de 1920. De maneira mais objetiva, o infamiliar antecipa discussões acerca da repetição, do impasse entre o animado e o inanimado que Freud aproxima à pulsão de morte, ampliando sua compreensão acerca da teoria das neuroses, mesmo que no texto posterior, Freud não mencione sobre o infamiliar.

Há algo profundamente litorâneo na noção de infamiliar de Freud. Começando pela relação estético (filosófica) com a psicanálise, mas também retroagindo sobre como a psicanálise se beneficia com a investigação deste sentimento. Muito embora Freud (2019) de maneira generosa e humilde, Freud se atenta aos contos de terror para definir e especificar o sentimento incômodo do *unheimlich*, sua infamiliaridade não ganhava dignidade técnica ou profundidade crítica pelo pensamento de sua época. Conseguimos especular como Freud estava escutando algo que não estava sendo escutado diante destas produções, algo que era negligenciado. Por si só, este elemento nos indica algo que é ético da própria escuta psicanalítica, prover condições de prover dignidade de escuta diante daquilo que é negligenciado ou da ordem do que é apagado em uma situação de sofrimento (Gonsalves, 2021; 2021a; Andreoni & Gonsalves, 2023).

Freud (2019) investiga esse sentimento<sup>2</sup> (Dunker, 2019) específico que pode ser experimentado tanto em vida quanto mobilizado esteticamente quando se lê um conto ou um livro, por exemplo. O texto do Infamiliar é dividido em 3 partes, escritos em momentos distintos e compilados finalmente em 1919, podemos pensá-las por seus eixos temáticos centrais: (1) a discussão linguística acerca do termo *unheimlich*; (2) a discussão estética e psicanalítica em torno do conto “O Homem de Areia” de E.T.A Hoffmann, onde encontramos sua disputa com Ernst Jentsch e finalmente, (3) onde as contribuições psicanalíticas clínicas acerca do infamiliar são estabelecidas. Uma definição decisiva do infamiliar, sobre a qual Freud se debruça em seu texto, advém do filósofo Friedrich Schelling (1985): “Tudo aquilo que deveria ter ficado escondido mas vem à luz”<sup>3</sup>. O que sela a raiz do infamiliar enquanto um sentimento que traduz o impacto da morte sobre a vida, mas também como outras experiências acerca do que é cômodo em contraposição ao que é incomodo, que estava velado mas vêm à superfície e revela uma especificidade de angústia que nos descentraliza e nos perturba. O infamiliar trata-se então deste movimento entre pares de opostos postos em tensão, como Dunker (2019) descreve: o familiar (*heim*) e o infamiliar (*unheimlich*); a casa (íntimo) e a rua ou a floresta (público); a confiança (manter

---

<sup>2</sup> Há discussões no campo acerca do *unheimlich*, tentando compreendê-lo enquanto sentimento ou enquanto afeto. Aqui, nos filiamos à exposição de Dunker (2019) enquanto um sentimento, diferenciado dos afetos e das emoções, algo que compreende aquilo que diz da relação do *gefühl* (sentimento) e de uma dinâmica de funcionamento psíquico específico em relação ao movimento de tensão dos opostos contidos no infamiliar.

<sup>3</sup> No original de Schelling (1985): “Unheimlich nennt man Alles, was im Geheimnis, im Verborgenen... bleiben sollte und hervorgetreten ist”. Cabendo lembrar que a investigação de Schelling deste presente ensaio refere-se a um fragmento relativamente desconhecido, *Clara, ou Conexão da Natureza com o Mundo Espiritual* (1810-1811) [nossa tradução], que Schelling escreve logo após a morte de sua esposa, Caroline Schlegel-Schelling. Embora este fragmento tenha servido originalmente como uma introdução ao *Die Weltalter* de Schelling, refere-se aos fragmentos que estabelece uma discussão com a possibilidade da clarividência e da imortalidade que estavam em voga na época. Schelling concentra-se sobretudo no fenômeno da celebração e na representação dos mortos, bem como, acerca da misteriosa integração dos mortos na vida cotidiana dos vivos. A presença dos mortos na vida dos vivos. Este ensaio aponta como Clara é uma parte legítima da filosofia de Schelling e, portanto, também pode ser vista como uma contribuição significativa do discurso teórico romântico que fundamenta a base histórico conceitual do *unheimlich* em seu pensamento.

próximo) e a desconfiança (manter distância); o oculto (que pertence à alguns) e o revelado (que pertence à todos) e vivo, animado e o morto, inanimado.

Acompanhando as três seções do *Infamiliar* (2019) de Freud, resumidamente, a primeira parte do texto é onde há uma investigação das definições específicas da gramática do termo *unheimlich* em alemão e seus sentidos, onde o psicanalista busca compreender como o termo passou a condensar também o seu sentido oposto, assim, simultaneamente, possuindo significados opostos em sua definição. Freud busca em outras línguas, algumas delas exprimiram esta mesma relação, mas nenhuma das línguas visitados por ele compreende o termo de modo tão preciso quanto no alemão. No entanto, parece importante lembrarmos o argumento de Mladen Dolar (2018) que defende que não se trata de uma especificidade da língua alemã, mas sim, de uma perspicácia psicanalítica mais profunda acerca da relação estética e filosófica do pensamento dialético sobre a linguagem e às especificidades do sujeito do inconsciente. Sendo assim, a riqueza do movimento de tensão do infamiliar é maior do que sua pressuposta pureza gramatical alemã, está justamente na sua lógica e sua composição metodológica de colocar opostos em tensionamento diante de uma angústia que requer transformações (Lacan, 2004).

Na segunda parte do texto, Freud tece uma discussão dedicada à apreciação prévia de Ernst Jentsch do sentimento de infamiliar, disputando a interpretações do psiquiatra acerca do conto *O Homem de Areia* de E.T.A Hoffmann. Embora tanto o psiquiatra quanto o psicanalista concordem que Hoffmann é uma espécie de mestre acerca da produção do sentimento estético do infamiliar, por sua vez, defendem que as razões para isto se dão por explanações bastantes distintas. O conto *O Homem de Areia* gira em torno da história de Nathanael que em sua infância era fascinado por uma história sobre a assustadora figura do Homem de Areia, que caso ele não estivesse dormindo à noite, colocaria areia em seus olhos e lhes roubar de seu rosto. Uma história de dormir que Nathanael ouvia. Então, numa certa noite ele junta coragem e dá margem à sua curiosidade. Esconde-se no escritório de seu pai, um químico e tenta, na calada da noite, *ver* o Homem de Areia. Para seu infortúnio, Nathanael consegue finalmente encontrar com a figura do Homem de Areia em Coppelius, que estava no escritório de seu pai antagonizando com ele e é quando Nathanael é descoberto... seu pai implora por misericórdia, visando proteger os olhos de seu filho. Então, uma explosão ocorre e o evento ceifa a vida do pai de Nathanael, que cai enfermo depois do ocorrido. Passam-se anos, Nathanael cresce e quer tornar-se cientista assim como seu pai foi. Ele segue sua vida universitária, vivendo um relacionamento estável com Clara e com bons amigos. Tudo parecia bem, até que algumas ocorrências estranhas passam a influenciar e impactar sua vida. Nathanael em certo momento adquire binóculos de um comerciante de rua (chamado Coppola) num passeio pela cidade e após mudar de casa, nota que é vizinho de um de seus professores de faculdade: Spallanzani. Então, Nathanael, que passa a acompanhar os movimentos de seu vizinho da frente com seus binóculos, nota que da janela conseguia avistar uma mulher que lhe chamava mais e mais atenção. Aos poucos, Nathanael começa a nutrir um certo apaixonamento por Olimpia, sem fazer ideia de que essa mulher era, na realidade, um autômato criado por Spallanzani. Diante de outra cena de conflito, agora pela disputa entre Spallanzani e Coppelius por Olimpia, fazem com que Nathanael invada a casa de Spallanzani para confrontá-los,

momento em que descobre que estava apaixonado por um autômato. Esta outra reviravolta faz com que Nathanael tenha um episódio de enlouquecimento e adoecimento. Após recuperar sua saúde, Nathanael reata o relacionamento com Clara, com seus amigos e as coisas parecem seguir para alguma sensação de “normalidade”; porém num passeio com Clara, Nathanael decide subir ao topo de uma torre, ele remove de seu bolso os seus binóculos... e é quando, em meio à multidão, ele avista à distância entre as pessoas, caminhando pela rua, uma figura assustadora que ele reconhece imediatamente: o Homem de Areia caminhando em meio a multidão. Consumido pela retumbante e aterrorizante angústia sem saídas, Nathanael lança-se da torre para sua morte.

O conto de terror de Hoffmann torna-se centro da disputa entre Freud e Jentsch na compreensão do infamiliar, uma vez que ambos discordam em torno da causa deste sentimento no conto em suas interpretações. Para Jentsch (Freud, 2019:60), trata-se do sentimento gerado pela confusão cognitiva e pela equivocação das faculdades de julgamento provocadas por Olimpia que, ao ser tomada enquanto humana, provoca o sentimento de infamiliar como uma espécie de recurso estético ou habilidade literária de ludibriar o leitor por meio do suspense ao acompanhar a confusão do próprio personagem (Nathanael). Já para Freud (2019:64), o infamiliar se dá na re-edição não resolvida ou subsumida de traços animistas da infância vivenciados pelo personagem Nathanael que, ao ressurgirem em sua história, potencializam impasses do complexo de castração na trajetória do personagem. Muito embora Freud concorde com Jentsch acerca da confusão fazendo parte, no nível da experiência do fenômeno do sentimento de infamiliaridade, enquanto um peculiar incômodo, para o psicanalista, não é esta a sua razão ou sua causa, mas sim um de seus muitos efeitos.

Freud (2019:76) acentuará na sua interpretação que o infamiliar está profundamente vinculado ao retorno do recaiado, o texto é repleto de muitos exemplos do infamiliar experimentados na vida cotidiana, desde o perder-se na floresta, do tentar sair de um lugar e retornar exatamente para onde se estava antes da tentativa, as repetições presentes na religião particular do neurótico obsessivo (retomando a formalização da análise de Ernst Lantz por Freud, conhecido como o *Homem dos Ratos*)<sup>4</sup>, entre tantas outras experiências como a onipotência do pensamento presente em encontrar um mesmo número num determinado percurso e pressupor que isso quer dizer algum presságio ou indicativo de algum sentido secreto. A experiência do *unheimlich* em Freud no terceiro tomo do seu texto, para enfatizar como o sentimento do infamiliar, possui um indicativo da dissolução e reconstituição da experiência do eu diante da angústia de castração, um sentimento da experiência da morte de si em vida. Há uma antecipação de Freud já presente nesse texto acerca da relação entre vida e morte, que parece ser crucial para pensar justamente esse atravessamento do inumano, da experiência radical da abertura para os limites da realidade

---

<sup>4</sup> “Observações sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos)” (Freud, 2019:81). Enfatizando aqui a vinhetta clínica acerca da onipotência do pensamento como manifestação infamiliar, trata-se da pressuposição lógica do controle da realidade como continuação da experiência neurótica do eu. Os ritos e crenças da religião privada envolvida neste caso clínico são elementos fundamentais da neurose obsessiva como coloca Freud.

daquilo que pode ser refundado diante de algo novo. Algo que Freud falará de maneira mais dedicada na obra “Além do princípio do prazer” de 1920.

## O Infamiliar: um método ontológico negativo em psicanálise

Parece crucial pontuar que há método em psicanálise. Seguindo o que assinala Rona (2012) acerca de Freud, a psicanálise é:

[...] simultaneamente, o procedimento de investigação (a pesquisa científica), o conjunto de saberes (a nova ciência) e o método de tratamento (sua prática), essa reunião acontece não somente sob a égide da manutenção da subjetividade daquele que se analisa, mas, e o que seria particular à psicanálise, sob a posição daquele que a pratica como analista, ou seja, sob transferência, imiscuindo definitivamente uma posição prática - ética do praticante/pesquisador (Freud, 1923) (Rona, 2012:53).

Há uma construção histórica acerca daquilo que nomeamos enquanto método dentro do campo do conhecimento. Considerando as bases do pensamento ocidental, a discussão acerca do método acompanha os passos dados pelos embates filosóficos de maneira melhor organizada desde o *Organon* aristotélico e a dialética platônica, seguindo até os esforços dos pensadores modernos na construção das bases do pensamento científico e daquilo que se sagra enquanto o as bases primadas da razão. Embora a discussão dessas bases seja crucial, ela será apenas aludida aqui e não aprofundada, pois buscamos dar vazão específica aos elementos psicanalíticos da discussão. Em todo caso, os movimentos construtivos da lógica racionalista e da construção epistemológica daquilo que conseguimos conhecer de nós mesmos, do mundo e da natureza, evitando possíveis enganos da razão suscitaram as bases do pensamento ocidental moderno que fundará os métodos investigativos racionais, empiristas e as bases do conhecimento científico pré-positivista<sup>5</sup>. Tais bases estão presentes quando Freud ([1932]1996) aproxima a psicanálise de uma visão de mundo científica, mas notadamente, que ele apenas aproxima, o que não é fixar a psicanálise, que é uma *nova* ciência enquanto uma ciência propriamente dita.

Lacan no começo do Seminário XI, por sua vez, marcará a psicanálise em proximidade às ciências humanas. Isso marca muito a compreensão de que a psicanálise estaria muito mais em linha com uma certa nova ciência em termos freudianos e com certas perspectivas especulativas daquilo que Freud almejava em relação à psicanálise.

O método vai desde a escolha e de uma análise do problema até a escolha de um instrumento apropriado, que fornecerá evidências sobre a verdade da situação. E se por um lado o método é aquilo que vai organizar algo no sentido de uma possibilidade de demarcação de um caminho que pode ser feito, por outro, não é uma garantia metafísica da verdade. Até mesmo Popper concorda com isso ao defender não existir o que chamamos de um método lógico para ter novas ideias.

O texto do Infamiliar (2019) sustenta um movimento distinto em relação aos demais tidos enquanto escritas estéticas de Freud. Ou então, diferentemente de tecer uma contribuição psicanalítica para uma estética possível, o psicanalista vale-se no texto do

<sup>5</sup> Trata-se dos esforços de pensadores como Francis Bacon, René Descartes e David Hume, para citar apenas alguns.

movimento particular e inerente ao sentimento infamiliar (e subsequentemente da sua relação estética), para elaborar um refinamento clínico psicanalítico. Neste sentido, Freud abre vias estéticas para lidar com as tensões entre opostos do infamiliar, escancarando e expandindo os contornos habituais da compreensão da própria neurose de castração e do que concebemos acerca do seu manejo. Ou então, metapsicologicamente há algo acerca do sofrimento experimentado diante dos limites entre vida e morte, ao pertencer e não pertencer, ao animado e inanimado, que perfuram os pressupostos limites experimentados pelo eu em sua relação com a realidade e sua dimensão ontológica. O infamiliar indica o corolário social das experiências de angústia de indeterminação, apontando para as direções que requerem novas experiências de ressignificação e de criação de novos significantes ao sofrimento de não pertencimento. Não se passa subjetivamente ileso por uma experiência de infamiliar, quando os limites da nossa experiência de identificação são postos à prova diante da realidade. Freud encontra no infamiliar um sentimento que expande nossa perspectiva clínica, perturbando uma compreensão conceitualmente normativa acerca das neuroses e convidando considerações psicanalíticas de um método radicalmente dialético ao fazer clínico das neuroses pautado pelas direções do infamiliar, também situando eticamente uma escuta do desejo ao localizar como há uma dimensão de atração e convocação para que tais limites postos tenham suas dimensões superadas enquanto experiência de cura<sup>6</sup>.

O texto do *Das Unheimliche* ([1919]2019) de Freud versa sobre o horror que pode ser produzido esteticamente e também aquele que é experimentado em vivências bastante particulares. Para os nossos dias, pensar o horror é fundamental uma vez que hoje, tamanho é o terror normalizado disso que tomamos enquanto realidade, que muito pouco nos horroriza. A realidade no capitalismo tardio é tão embrutecida, tão subjetivamente brutal que emudece os afetos e nos adormece, a nossa capacidade de nos horrorizarmos para sobreviver às atrocidades dadas é tamanha, que perdemos até mesmo a capacidade de nos indignarmos de uma maneira produtiva. Neste sentido, pensarmos o *unheimlich*, o incômodo é um termômetro fundamental entre a realidade, a angústia, a castração e o mal-estar.

Lacan (2004) investiga este texto de Freud como uma de suas bases centrais para a formalização do seu objeto *a*. O infamiliar freudiano versa sobre aquilo que deveria ter permanecido em segredo mas se mostra; ou então, no contexto clínico, trata-se do desnudamento neurótico de proteções imaginárias e simbólicas diante da experiência de um real traumático para o sujeito, uma vez que a experiência de encontro com o real é fundamentalmente uma experiência de angústia (Lacan, 2004:178). A relação neurótica com a realidade é mediada pela estrutura de fantasia e os conflitos angustiantes são aqueles que indicam que as operações lógicas da fantasia falharam, e assim, escancaram um mal-estar intenso frente à castração e os nossos próprios limites. A reformulação da experiência de realidade se faz necessária ao sujeito ao deparar-se com a certeza de uma angústia, obrigando que uma dialetização por parte do sujeito se dê para estabelecer um outro modo de estar na realidade. Tão logo, experimentar algo *unheimliche* indica ao sujeito que há

---

<sup>6</sup> Lacan (2004) provê relevo ontológico negativo ao dizer que a angústia não é sem objeto, assim adicionando outro ponto ao marcador freudiano clássico da angústia como sem objeto e não necessariamente o oposto. O que Lacan afirma é que o enquadre neurótico diante da aproximação e afastamento do objeto *a*, objeto causa de desejo, que provê condições objetais no enquadre da fantasia implica em angústia aumentada ou diminuída (Fingermann, 2016:89).

algum descompasso na realidade que resvala ou toca nas operações inconsciente de um fundo traumático e requerendo uma subsunção de tal conteúdo. É nesse sentido que Freud (2019) ao formalizar o funcionamento do sentimento do *unheimliche*, aponta para uma possibilidade de método, onde um movimento entre interno e externo na experiência de sofrimento subjetivo se misturam. Lacan (2004), por sua vez, estrutura sua contribuição psicanalítica do *objeto a*, enquanto uma ferramenta clínica para situar como lidar com tais angústias por meio de um movimento inspirado no *unheimlich* freudiano. A noção de angústia em Lacan ganha relevo ao tocar o sujeito com um real do sofrimento de determinação, indeterminação, reconhecimento, não-reconhecimento que experimentamos diante dos movimentos de pertencimento e não pertencimento, frente aos predicados que nos identificamos e com quais não nos identificamos, na relação posta entre o sujeito e o Outro. O sentimento do *unheimliche* indica quando estamos diante de uma angústia pautada por sofrimentos desta ordem. A angústia está para o excesso de indeterminação, assim como a ansiedade está para o excesso de expectativas (que são uma das aparências manifestas da angústia). Como dirá Fingermann (2016) acerca do apagamento da psicanálise do campo discursivo geral da saúde, a angústia retratada pela psicanálise hoje se aproxima dos quadros atuais de pânico e fobia (2016:89), porém removidos da escuta que as poderia acolher dentro de um processo de psicoterapêutico de cura para além da medicalização dos sintomas.

Neste sentido, torna-se crucial a compreensão do método dialético deste movimento dentro de uma análise, do motor propulsor da angústia, para indicar aquilo que não foi completamente integrado simbolicamente e que retorna enquanto experiência de sofrimento, bem como, conseguimos considerar o movimento necessário daquilo que requer ser escutado e transformado para o sujeito diante de seu sofrimento. A angústia é sinal do real, de que se aproxima demais do objeto *a*, para repetir a formulação de Lacan. Dentro de um processo de análise, se opera o atravessamento das fantasias para lidar com as castrações e transformar produtivamente este sofrimento. Uma análise diz do posicionamento do analista ocupando o lugar de causa de desejo, para o analisando implicar-se nas angústias experienciadas diante da castração neurótica, ao passo em que suas fantasias são, em seu tempo, atravessadas. O processo de lidar com este real, é fundamental numa análise que respeite o processo e tempo singular de cada sujeito. Aquilo que deveria ter permanecido em segredo mas se revela e aponta à nossa própria relação neurótica frente às manifestações inconscientes e suas reedições na realidade acerca dos nossos traumas de castração (Freud, 2019).

Tal movimento do infamiliar de trazer à luz aquilo que estava escondido (mesmo que no fundo estivesse já diante de nossos próprios olhos, mas invisível ao nosso olhar...) é um método *par excellence* de investigação psicanalítica. O sofrimento produzido diante da castração requer que sua expressão se dê por uma gramática que haverá de ser produzida no curso de uma análise, há aí uma esteticização do dito pela guinada da histericização discursiva, não estritamente numa poética, mas no esforço por uma produção expressiva ou de algum fazer frente ao real (mesmo que se trata de nada fazer propriamente falando, senão uma certa solitude as suas irruptivas invasões e como operar diante delas). Essa realização se dá à luz da (i)numanidade ou então, da condição de negatividade fundante do sujeito. Considerar a inumanidade em psicanálise é impedir uma normatividade que finde em si mesma aprisionando o sujeito em relação ao seu desejo ou aprisionando-o numa discursividade ao invés de ofertar ferramentas de emancipação.

O que o infamiliar freudiano deixa à psicanálise são condições metodológicas de investigação acerca das gramáticas de sofrimento de pertencimento e não pertencimento, bem como, condições de transformação que alguém está às voltas numa determinada situação. No entanto, essa é uma leitura que é fruto da investigação de Lacan<sup>7</sup> do infamiliar, presente no Seminário X (2004) acerca da angústia, em que o *heim* e o *unheim* são postos enquanto aspectos fundantes da banda de moebius, traduzindo o percurso de transformação subjetiva diante da experiência de angústia entre gozo e desejo. Mais do que buscar por direcionamentos imaginários que fazem linha com o que está dado na realidade, os limites extrapolados do infamiliar freudiano, fazem com que o sofrimento diante das condições postas tenha uma visão criativa, uma condição de possibilidade distinta.

Tal movimento de tensão inerente ao sentimento de incômodo, da estranheza única do *unheimliche*, é a matriz do objeto a de Lacan em sua discussão acerca da angústia<sup>8</sup>. Daquilo de sofrimento que acomete o sujeito enquanto uma certeza e que requer dialetização, é um direcionamento clínico do sofrimento experimentado enquanto uma certeza subjetiva da falta de reconhecimento ou da experiência de excesso de reconhecimento, no entanto, escancarando-se enquanto impasse entre sofrimento de indeterminação (Dunker, 2019). Esse sentimento pode ser posto em 4 grandes pontos de sofrimento entre reconhecimento e indeterminação, entre aquilo que está dentro e aquilo que está de fora, mas que não possui uma matriz simbólica posta, que diz de uma gramática que se faz necessária diante de uma experiência de real que requer ser escutado. Tal manifestação se mostra nos pares de opostos: a casa ou a rua; o próximo e o distante; o confiável (segredo) ou público (revelado) e também, no vivo ou morto, inanimado (Dunker, 2019). Pela maneira como há um aceno do infamiliar para uma outra lógica possível de reconhecimento, do apontamento daquilo que está excluído sob a égide do capitalismo tardio, encontramos no infamiliar um elemento que faz ponte direta à realidade e as instâncias de sofrimento. Diante da derrocada da relação do público e do privado em termos de coletivização possível por conta do neoliberalismo e a imposição do individualismo exacerbado, bem como, as tendências de interpassividade do mundo virtual<sup>9</sup>. que uma nova

<sup>7</sup> Na dissertação de mestrado “Os desdobramentos do Infamiliar em Freud e Lacan” (Gonsalves, 2021) <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-24072021-140215/pt-br.php> tentei enfatizar esta relação, apresentando elementos clínicos dessa mudança.

<sup>8</sup> Lembrando que Lacan, notoriamente, pontua como a angústia é um afeto que não engana. Dirá: “O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira substância da angústia, é o *aquilo que não engana*, o que está fora de dúvida” [1962-63] (2005:88) Como trabalhado por Estevão, I. e Gonsalves, R. (2020). “Contribuições Psicanalíticas a uma política dos afetos”. in *A Certeza como Refúgio* (2020: 223).

<sup>9</sup> A noção de interpassividade é disseminada por Slavoj Žižek ([1998]2009), porém depreendida por Robert Pfaller em *Interpassivity* (2017) (sem tradução para o português) e refere-se aos movimentos de satisfação do sujeito por delegação, onde mecanismos geram ações ou algum efeito sobre uma questão política, pública ou privada, mais no nível da aparência, por passividade e não por atividade, tendo caráter de efetividade, mas que no fundo, são ilusórios seus efeitos. Um ótimo que caberia para nossa realidade para pensarmos a interpassividade é o da vela de sete dias, em que ao acendê-la você se livra da atividade da reza, delegando ao objetivo que conduzirá o ritual para você, que poderá viver a sua vida. Outro bom exemplo está em Mark Fisher (2020), ao trazer o filme da Disney/Pixar *Wall-e* que se refere ao cataclisma ecológico, todos assistem e se satisfazem com o filme, concordam com o que há de aterrorizante, mas muito pouco fazem depois de assisti-lo.

gramática se estabelece e lança novas ilusões sociais, mas mobilizando como a circulação simbólica que o *unheimlich* opera não é uma relação totêmica, mas uma relação animista, perspectivista, que possibilite uma relação não-identitarista genérica que dê vazão para um acontecimento de verdade que ultrapasse a disciplina dos corpos e das linguagens postas. No entanto, o *unheimlich* requer uma nova escuta politizada que faça frente à despolitização da racionalização diagnóstica de nossos tempos. O embrutecimento diante do horror e a tentativa de correr ao trágico e o cômico, das antigas formas, pode nos inviabilizar de inventar coletividades outras para os nossos perrengues e sofrimentos. O horror não pode ser ignorado ou normalizado, mas nos cabe ainda mobilizar as formas de refinar nossas escutas.

## O paradigma estético-político contemporâneo: neoliberalismo à brasileira

A categoria do neoliberalismo estudada por Safatle, Dunker e Silva (2021) descreve algo da gramática de pauperização da realidade no contexto nacional, especificamente, investigando sua lógica de funcionamento e seus avanços locais sobre as pessoas. A estratégia optada pelos organizadores do estudo, não é apenas a de conceber o neoliberalismo enquanto modelo socioeconômico, mas também, como “...gestor do sofrimento psíquico [que] se impôs a nós como resultado da natureza disciplinar de seu discurso, no qual categorias morais e psicológicas são constantemente utilizadas como pressupostos silenciosos da ação econômica” (2021:5). Ou então, apresentando como as inúmeras práticas postas em pauta político-econômica, fossem em nome da circulação de riquezas entre as pessoas ou justificada por bases produtivas, quando apenas escondem posturas econômicas liberais que naturalizam a forma-propriedade. Trata-se da sustentação da intensificação da exploração, da administração e da burocratização dos corpos por meio de práticas opressivas, que embrutecem a subjetividade por meio de argumentos psicológicos ou morais disseminados e normalizados culturalmente, mas vendidos como ciência econômica boa. Em suma, a gramática neoliberal são disfarces narrativos dos apoios intervencionistas do Estado para manter as práticas de enriquecimento das camadas já privilegiadas da sociedade (2021:5) sob um ar de mudança ou novidade.

Um argumento materialista fundamental que aprofunda nossa análise, parte de Marx em *18 do Brumário de Louis Bonaparte* ([1852]2011) acerca dos aparentes movimentos repetitivos na história, refletidos pela famosa ressalva de Marx: “primeiro como tragédia e depois como farsa”, dizem da repetição sintomática inerente à conciliação burguesa que ocorreu em seguida à revolução francesa. Este argumento de Marx nos permite notar como restos e resquícios não subsumidos do passado sobrevivem à prova do tempo e podem, como mortos-vivos, retornarem para nos perturbar e aterrorizar (Gonsalves, 2021b). Desta maneira, notamos um ponto politicamente relevante acerca do infamiliar freudiano, um operador da emergência dos incômodos frutos daquilo que resta das atrocidades do passado, das não soluções encontradas para superação e que requerem subsunção, convocando atenção à sua emergência sintomática diante da realidade posta. Conseguimos

entender que falar de neoliberalismo<sup>10</sup> significa prestarmos atenção na gramática das manifestações atuais do imperialismo, defende Karatani (2014:279) sobre países periféricos ou semiperiféricos, indiscutivelmente empobrecidos em relação ao restante do mundo como é o caso do Brasil.

O pensador Jacques Rancière (2007) defende como o embrutecimento demonstra um dos efeitos subjetivos mais problemáticos e emblemáticos do desenvolvimento do capitalismo de nossos tempos. Como tanto o aprisionamento reflexivo, quando a cristalização embrutecida das sensibilidades das pessoas demonstra um dos efeitos da pasteurização dos afetos nos dias de hoje. Trata-se da reação subjetiva da atualidade diante do aperfeiçoamento da exploração, da dominação e do controle diante das técnicas psicológicas e administrativas do neoliberalismo. O embrutecimento torna-se uma espécie de *modus operandi* defensivo das pessoas em nome de uma sobrevivência diante da crueza da realidade severa de exploração que se impõe. O preço subjetivo do embrutecimento das sensibilidades é a inibição. A queda da curiosidade e da instigação, tão fundamentais ao pensamento crítico, dão vazão à reprodução do que é concebido enquanto “certo” ou de “retorno esperado” dentro dos moldes capitalistas em nome da sobrevivência, modulando a forma de viver, de nos relacionarmos e de nos organizarmos na realidade. O pensamento emancipatório de quem sobrevive à realidade capitalista nas periferias do mundo possui um risco e um valor inestimável ao capital, trata-se de sempre mostrar-se como a mais nova fronteira a ser explorada pelo capitalismo. É neste sentido, que o *unheimlich* possui uma qualidade ímpar de aguçamento das ferramentas psicanalíticas para capturar aquilo que está de fora da gramática e buscar justamente uma escuta dessas marcas de sofrimento que carecem de uma escuta diferenciada dentro da própria psicanálise.

Quando Safatle, Dunker e Silva (2021) investigam as condições postas da experiência de exploração neoliberal em território nacional, torna-se evidente como o laboratório de atrocidades sociais e econômicas para além dos limites do liberalismo tradicional, foi aceito por uma parcela significativa da população no Brasil. Tais ferramentas de gestão subjetiva que impõem as práticas do capitalismo nos moldes neoliberais apenas se intensificam no Brasil, o falso discurso da necessária diminuição do Estado pela livre iniciativa e a queda de uma narrativa global que faziam frente às práticas (neo)imperialistas no recém capitalismo global após a queda da União Soviética, foram terreno fértil para a intensificação e invenção de novas doutrinas de dominação dos corpos em nome dos avanços de lucro que apenas aumentaram a disparidade social. Os esforços por sobrevivência no território nacional, pautado pela perspectiva ideológica de que cada um tem de estar à própria sorte em nome do sucesso, o hiperindividualismo, que afasta a possibilidade de que se sofra coletivamente por mazelas causadas socialmente, faz brotar a epidemia de coaches que te digam o que fazer e de que a fórmula do sucesso advém dos empreendedores de si mesmos, daqueles que se exploram e se brutalizam de maneiras inéditas, sofrendo absurdamente, mas com um trágico sorriso no rosto por pressuporem autonomia ao fazê-lo, por se entenderem padrões de si mesmos, num contexto onde

---

<sup>10</sup> “...as ideologias neoliberais aproximam-se das do imperialismo. A ideologia vigente da era do imperialismo era o darwinismo da sobrevivência dos melhores adaptados, que hoje está sendo reciclada em novas formas de neoliberalismo” (2014:279).

estamos todos longe de agirmos efetivamente diante do que causa, materialmente, nosso sofrimento... tais tendências triunfaram sobre outras formas de coletividade possíveis e são o mais claro fruto do discurso massivo do neoliberalismo em terras nacionais. Tal discurso anda de mãos dadas com a medicalização do sofrimento e com a produtividade pelo capitalismo tardio (Safatle, Dunker & Silva, 2021) e ele precisa ser combatido em nome de alternativas factíveis de coletividades orgânicas que façam frente a tais avanços.

Considerarmos o *unheimlich* de Freud diante deste cenário, é nos permitir nos acomodarmos com o que é invisibilizado diante da realidade dada. É nos aproximarmos das experiências de exploração, dos antagonismos silenciados de classe, raça e gênero, fazendo com que o incômodo não se apazigue numa delegação para satisfações ilusórias dadas pelo próprio capitalismo por meio do consumo, e sim, busque por alternativas que cancelem tal direção. Ou então, o movimento dialético inerente ao *unheimlich*, obriga com o que alternativas sejam inventadas em nome de algo novo, ao invés da repetição das novidades postas pelo próprio sistema econômico que nos aprisiona. Sendo assim, o *unheimlich* operacionaliza um método de investigação e também, indicativos de uma prática diante do sofrimento causado pelo sofrimento imaginário e simbólico no capitalismo tardio. O *unheimlich* é o sentimento que aponta para os mortos que não foram devidamente enlutados, enterrados e que ainda necessitam serem devidamente velados simbolicamente. Tal sentimento investigado por Freud e Lacan, colocam psicanaliticamente como os “fantasmas” que estão à espreita indiquem como os efeitos e consequências da história de exploração no estabelecimento do capitalismo em suas tantas etapas e que se mostram na realidade por meio das contradições atuais (Andreoni & Gonsalves, 2023). São os restos não simbolizados das atrocidades econômicas e sociais da escravidão dos corpos negros (Mbembe, 2018), do domínio dos corpos e posturas tidas enquanto “anormais” (Foucault, 2003) e da invisibilidade do trabalho da mulher e do papel político das mulheres (Federici, 2017), bem como de todos aqueles que morreram para que a acumulação fosse possível. O que é invisibilizado pela dormência subjetiva da atualidade encontra no *unheimliche* uma forma de se manifestar, tão logo, não se trata de qualquer incômodo, mas um método de indicativos de transformações sociais profundas comandados pela angústia e indicando radicais mudanças necessárias diante de sua manifestação.

## Considerações finais

Imagine que estamos dentro de casa e olhamos para o mundo lá fora através de uma janela, podemos sustentar uma perspectiva da realidade baseada numa pressuposta proteção e algum controle diante das ameaças e desconfortos que estão acontecendo. O binarismo do lado de dentro e lado de fora como opostos radicais puros, é, no entanto, enganoso, os atravessamentos são inevitáveis. Olhar pela janela é também poder ser visto por uma janela, ao passo em que também é possível nos vermos vendo, quando nossa imagem reflete na janela, do mesmo modo como podemos refletir em nossos pensamentos sobre o que (de nós) estamos vendo quando estamos observando de fora. Seguindo a psicanálise sob o ensino de Lacan, consideremos a janela enquanto o enquadre da fantasia

necessário ao sujeito neurótico para acessar à realidade (Žižek, 1992) e rapidamente entendemos que há algo inexorável acerca do atravessamento do Outro sobre mim e vice-versa. Olhar para fora pode também ser olhar algo de si na busca por notícias das soluções que o Outro dá àquilo que no fundo nos angustia. Logo, não há pureza perspectiva entre o dentro e fora, isento de atravessamentos – essa uma das lições fundamentais do unheimlich.

Quando Lacan introduz como a subjetivação se dá ao sujeito por meio da sua (não)relação com o significante fálico, que é vazio, de certa forma é fantasmático, tal operador faz com que, retroativamente, a busca neurótica se instaure em nome de algum sentido perdido no campo da linguagem, a marca da falta e do excesso são traços neuróticos por excelência da subjetivação e são marcas ontologicamente negativas que implicam numa relação dialética entre o sujeito barrado e o Outro intrínseca de movimento constante, mesmo que imaginariamente e simbolicamente possamos pressupor que não. Assim, o que há de mais externo passa a ser aquilo que habita de maneira mais íntima em nós mesmos – aquilo que é do êxtimo como coloca Lacan (2006:280) – passa por esse esquema quádruplo de lugares e posições. E o *unheimlich* freudiano embora tenha sido um texto sem grandes expressões em relação ao todo da obra clínica de Freud, sua projeção posterior pela literatura e outros pensadores de diversos campos do conhecimento, lhe denotaram uma nova vida e uma proporção aumentada em relação à sua herança psicanalítica. Especialmente sob a apreciação de Lacan em seu ensino psicanalítico e especificamente no seu desenvolvimento do objeto pequeno *a* (que se dá por meio fundamentalmente sob sua discussão acerca do *unheimlich* e da angústia em sua proporção e dimensão clínica), encontramos então atenções apreciações estético-políticas fundamentais para pensarmos categorias psicanalíticas que permitem a compreensão do infamiliar enquanto um método clínico viável no campo. Em suma, quando Freud formaliza o *unheimlich* para a psicanálise, as consequências mais radicais de tal formulação, em realidade, ganham sua devida proporção metodológica com a investigação de Lacan ao desenvolver o *objeto a*. No campo da palavra e em suas relações dentro da clínica psicanalítica, os conflitos psíquicos sob o viés do infamiliar, ganham proporções táticas, estratégicas e éticas dotadas de rigor de composição e decomposição profundamente singular e radical. Com o advento do *objeto a* por Lacan a relação entre eu e Outro, não pode mais ser concebida de modo superficial, objeto causa de desejo, não é o mesmo que objeto de desejo. E as experiências de sofrimento subjetivo que vem intimamente vinculadas ao enrijecimento predicativo de certos lugares de dominação que impedem com que a pessoa se desloque em busca de alternativas para endereçar e se transformar frente a este sofrimento também muda depois dos desenvolvimentos de Lacan.

A composição do infamiliar entre o mais íntimo e mais externo, tomado enquanto enquadre metodológico, assume que a capacidade radical de dialetização guia um motor de singularidades no interior do processo de uma análise psicanalítica. Tão logo, a decomposição das amarras predicativas que engessam a experiência de sofrimento subjetivo, podem ser decompostas em transferência, até encontrarem uma decomposição final do processo, que se dá na superação da necessidade da operação do lugar do analista para o analisando. A consideração do infamiliar enquanto sentimento particular investigado pela psicanálise por Freud nos indica um caminho, que só sob o ensino de

Lacan, torna-se efetivamente um método de fazer clínico em psicanálise, se por um lado, o *unheimlich* aponta para o sofrimento diante das contradições postas na realidade, frente à frustração e a castração impostas pelos limites estabelecidos imaginariamente e simbolicamente que acarretam em experiências de extrema angústia. No entanto, se tomada enquanto método, nos indica a importância de incessantemente lançarmos a escuta analítica além das repetições postas, dos aprisionamentos das modalidades de gozo já estabelecidas do sujeito e apontando, para além das formas dadas, por sustentar um processo de análise radical de dialetização em nome de um novo possível ao sujeito. O *unheimlich* enquanto bússola de sofrimento psíquico suscita frutos da subsunção mobilizada por tal angustiante incômodo, mas um que transforme a realidade para além das condições postas e sustente um acontecimento dentro da construção analítica.

A hipótese sustentada de que o *unheimlich* pode ser tomado enquanto um método em psicanálise, permite que a escuta se organize logicamente para uma experiência de sofrimento que preza, fundamentalmente, por uma abertura e um movimento radical de transformação. Quando Freud aproxima o princípio de castração ao infamiliar, ele expande a compreensão da castração para além de uma usual perspectiva falocêntrica essencialista, convidando uma dialética outra, uma diferente estetização da relação de cura possível para os impasses postos por conta dos sofrimentos neuróticos e introduz, uma reconfiguração de sua própria escuta. O que nos convida para a consideração de uma dimensão da invenção de outra estética possível de si dentro do dispositivo psicanalítico ao passo em que as experiências de autonomia e destituição de dominação são alcançadas ao longo do processo de uma análise às pessoas em experiência de sofrimento subjetivo. Ou então, mesmo que tal dimensão fosse inicialmente impossível, torna-se eticamente uma direção, um horizonte de possibilidade a se atingir por meio deste processo por parte do analisante. Tornar possível a decomposição das dimensões de dominação por meio de uma análise, é viabilizar caminhos para a transformação subjetiva por princípios de autonomia, e objetivá-las, alinhadas ao sujeito (do desejo), que passa a se guiar eticamente por uma perspectiva diferente da captura engessada da dimensão trágica do sofrimento, podendo ressignificá-la ou considerar outras gramáticas estéticas novas para narrar seu sofrimento, trata-se de tomar a ética do desejo enquanto força motriz da invenção de sustentação de um *acontecimento* daquilo que se constitui pelo sujeito (do inconsciente) ao longo de uma análise.

O infamiliar viabiliza que a dialética do desejo se mobilize logicamente conquistando o campo da oposição do pertencimento no campo da forma e não apenas do conteúdo, convida justamente para que uma oposição não se dê de maneira superficial. O movimento de dialetização do infamiliar convida o ponto da pura diferença e da radicalidade da negatividade enquanto base motriz de transformação diante da experiência de sofrimento enquanto condições de possibilidade. Trata-se do convite à compreensão do que há de mais radicalmente fora, enquanto aquilo que nos habita mais profundamente. O objeto *a* postulado por Lacan convoca a este ponto radical de negatividade do (in)humano (Zupačič 2016) que permita a dialetização e a transformação acerca do nosso sofrimento decante, no seu tempo lógico, tanto o conteúdo quanto a forma daquilo nos faz sofrer. Há uma dimensão profundamente estética no movimento de resignificação e de invenção de novos

significantes frente à uma experiência de sofrimento que uma análise viabiliza. A experiência de autonomia radical possibilitada por uma análise, permite um deslocamento do sofrimento de castração por meio da transformação e do reposicionamento do sujeito perante este sofrimento por meio de uma outra narrativa de si, pelo atravessamento das fantasias que cristalizam lugares para o indivíduo e pela possibilidade de *invenção* de novos significantes (Zupačič, 2016).

Uma escuta psicanalítica aguça suas capacidades fronteiriças ao refinar sua amplitude para se permitir escutar o sofrimento oriundo das fronteiras. Um movimento contra uma espécie de aprisionamento matricial da análise sob bases ideológicas, pressupostos fundamentos do que uma análise “deve” ser, que no fundo, são apenas ranços e vícios psicanalíticos históricos que se repetem sintomaticamente, precisam ser abolidos em nome de uma psicanálise, realmente, comprometida com sua radicalidade esteja à altura de escutar o sofrimento das experiências mais radicais de exclusão que conhecemos hoje. Lacan ([1954-1955]1997) pontua precisamente este ponto ao centrar no analista e em sua formação a questão: a resistência é sempre do analista. De analistas com um compromisso político de não atenderem às pressões sociais em termos de uma repetição sintomática da realidade como está posta pelo discurso capitalista. Uma radicalização do discurso analítico se faz necessária, assim como uma escuta aberta aos murmúrios de Real para que tal aceno de transformação não seja brutalmente recolocado sobre o sofrimento. A matriz de sofrimento pela gramática de reconhecimento, das experiências de pertença e não pertença, se dá sob operadores imaginários, simbólicos frente ao Real. E a experiência de sofrimento subjetivo entre habitar e não habitar, participar e não participar, mesmo que recaia sob a singularidade de cada pessoa, precisa ser passível de ser escutada pelo analista – é aí, que o infamiliar se faz crucial enquanto método possível numa análise. O infamiliar tomado enquanto um operador metodológico se faz instrumento organizador tático dentro da estratégia analítica (Lacan [1958]1998), pois permite com que a demanda do analisando diante dos impasses acerca do reconhecimento do pertencimento, da experiência de sofrimento entre o dentro e o fora, entre o patológico e do “normal”, entre o público e privado, familiar e estrangeiro, esteja sempre às voltas com esta binariedade enquanto categoria dialetizável em termos profundos. Além do impasse que mobiliza inicialmente, estar identificado com estar de um dos lados destes opostos, o infamiliar sempre acena para um duplo movimento, a interrogação das próprias bases que formatam este sofrimento e como estes são inexoravelmente intrínsecos, logo, passíveis de transformação. Em outras palavras, o infamiliar permite um movimento de subsunção para além dos binômios radicalmente opostos em busca da invenção de um novo, viabilizando o atravessamento deste aprisionamento ao analisando, na jornada de tornar-se analista de si próprio.

## Referências

- Andreoni, Leilane; Gonsalves, Rodrigo. (2023). “Existências espectrais: dimensões estético filosóficas do inominável no texto unheimlich de Freud”. *Revista Linguagem em pauta*, v. 3, n. 1, pp. 67-81.
- Dolar, Mladen. (2018). “Eu estarei com você em sua noite de núpcias”, in Gonsalves, Rodrigo; Penha, Diego (orgs.), *Ensaio sobre Mortos-Vivos*. Trad. Rodrigo Gonsalves. São Paulo, Editora Allier, pp. 167-204.
- Dunker, Christian. I. L. (2019). “Animismo e Indeterminação em “Das Unheimliche””. in *Obras Incompletas de Sigmund Freud: O Infamiliar*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, pp. 199-218.
- Federici, Silvia. (2017). *Calibã e a Bruxa*. São Paulo, Elefante.
- Fingermann, Dominique. (2016). “Pânico e Fobia: Enlace e desenlace da angústia. Comunicação de uma pesquisa em curso”. *Stylus Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 32, pp.89-98.
- Foucault, Michel. (2003). *The Abnormals - Lectures at the Collège de France (1974-1975)*. London, Verso Books.
- Freud, Sigmund. ([1920]2022). “Além do Princípio do Prazer”. in: *Freud: Obras Incompletas*. Minas Gerais: Editora Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1928]2015). “Dostoiévski e o parricídio”. in: *Freud: Obras Incompletas: Arte, literatura e os artistas*. Minas Gerais, Editora Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1908]2009). “Escritores criativos e a Fantasia”. in: *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Freud: Obras Incompletas: Arte, literatura e os artistas. Minas Gerais, Editora Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1907]2015). “O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen”. in: *Freud: Obras Incompletas: Arte, literatura e os artistas*. In: Minas Gerais: Editora Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1919]2019). *Obras incompletas de Sigmund Freud: O infamiliar [Das Unheimliche]*. Minas Gerais, Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1914]2015a). “O Moisés, de Michelangelo”. in: *Freud: Obras Incompletas: Arte, literatura e os artistas*. Minas Gerais, Editora Autêntica.
- Freud, Sigmund. ([1996]1933). “A questão de uma Weltanschauung”. in S. Freud. *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. 22 (J. Strachey, Trad.). Rio de Janeiro, Imago.
- Gonsalves, Rodrigo. (2021). *Os desdobramentos do Infamiliar em Freud e Lacan*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.
- Gonsalves, Rodrigo. (2021b). *Groundwork for Monstrous Materialism: (in)humanity and the uncanniness of our everyday life*. Tese de doutoramento em Filosofia pela European Graduate School [no prelo para publicação pela Editora Routledge em 2025].
- Karatani, Kojin. (2014). *The Structure of World History: From Modes of Production to Modes of Exchange*. (M. K. Bourdaghs, Transl.). London, Duke University Press, USA.
- Lacan, Jacques. (1998). “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. in: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1954-55]1997). *Seminário, Livro: 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1962-63]2004). *Seminário, Livro: 10: A angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. ([1968-69]2006). *Seminário, Livro: 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Marx, Karl. ([1852]2011). *18 do Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo, Boitempo Editorial.
- Mbembe, Achille. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: Edições n-1.
- Pfaller, Robert. (2017). *Interpassivity - The Aesthetics of Delegated Enjoyment*. London, Edinburgh University Press.

- Royle, Nicholas. (2003). *The uncanny*. Manchester, Manchester University Press.
- Safatle, Vladimir; Silva Jr., Nelson e Dunker, Christian, I.L. (2021) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Schelling, Friedrich. (1985). “Philosophie der Mythologie”. in *Ausgewählte Schriften*, hg. v. Manfred Frank (Frankfurt/Main: Suhrkamp), VI, S. 661.
- Žižek, Slavoj. (1998). *The interpassive subject*. Disponível em <http://www.lacan.com/zizek-pompidou.htm> (last accessed 15 March 2018).
- Žižek, Slavoj. (2009). *The interpassive subject - Lacan turns a prayer wheel*. Disponível em [http://www.lacan.com/essays/?p=143#\\_ftn2](http://www.lacan.com/essays/?p=143#_ftn2)

### *Rodrigo Gonsalves*

 <https://orcid.org/0000-0003-4681-1549>

 <http://lattes.cnpq.br/2898924799034132>

Psicanalista. Doutor em Filosofia pela European Graduate School (Suíça). Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Editor Associado da Jacobin, Membro do Latesfip (USP), Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade (PSOPOL/IPUSP) e Editor da Editora Lavra Palavra. E-mail: [rodrigoluizcg@usp.br](mailto:rodrigoluizcg@usp.br)